13ª REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2182 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Testemunhos de alunos de um curso de Pedagogia em uma aula sobre Letramento Literário: entre o texto e o livro, um relato de experiência

Paula Aparecida Diniz Gomides Castro Santos - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

O presente estudo trata de um relato de experiência que evidencia, através de diálogos estabelecidos em duas aulas sobre Letramento Literário, como os alunos de um curso superior em Pedagogia de uma universidade pública demonstraram entender o tema, narrando suas próprias experiências enquanto alunos do ensino fundamental e médio. Ao longo das aulas, dois textos foram apresentados aos educandos e relatos que monstraram como a Pedagogização da literatura pelas escolas se deu com eles, demonstram episódios que são criticados pelos teóricos da vertente estudada. A falta de acesso aos textos literários de forma integral, que deveria se dar por meio dos livros, proporcionando um trabalho descontextualizado através de atividades fortemente ligadas a aspectos puramente linguísticos e gramaticais foram recorrentes. A fim de oportunizar um entendimento maior acerca dos preceitos que envolvem o letramento literário, as contribuições de Macedo (2017), Zilberman (2008), Soares (2007), Evangelista (2016) e Paulino (2001; 2005) serão demonstradas com vistas a oportunizar o debate acerca de abordagens com o tema em cursos de licenciatura do ensino superior. Assim, as relações de poder são evidenciadas em face de uma “elitização” da literatura.

RESUMO

O presente estudo trata de um relato de experiência que evidencia, através de diálogos estabelecidos em duas aulas sobre Letramento Literário, como os alunos de um curso superior em Pedagogia de uma universidade pública demonstraram entender o tema, narrando suas próprias experiências enquanto alunos do ensino fundamental e médio. Ao longo das aulas, dois textos foram apresentados aos educandos e relatos que mostraram como a Pedagogização da literatura pelas escolas se deu com eles, demonstram episódios que são criticados pelos teóricos da vertente estudada. A falta de acesso aos textos literários de forma integral, que deveria se dar por meio dos livros, proporcionando um trabalho descontextualizado através de atividades fortemente ligadas a aspectos puramente linguísticos e gramaticais foram recorrentes. A fim de oportunizar um entendimento maior acerca dos preceitos que envolvem o letramento literário, as contribuições de Macedo (2017), Zilberman (2008), Evangelista (2001) e Paulino (2001; 2005) serão demonstradas com vistas a oportunizar o debate acerca de abordagens com o tema em cursos de licenciatura do ensino superior. Assim, as relações de poder são evidenciadas em face de uma “elitização” da literatura.

Palavras-chave: Letramento Literário. Literatura. Ensino Superior. Relações de Poder.

Introdução

O presente artigo apresenta-se como sendo um relato de experiência da observação das aulas, em decorrência do Estágio Docência, no âmbito de um Mestrado em Educação, de uma universidade pública do Brasil. A disciplina acompanhada era ministrada para alunos do curso superior em Pedagogia da mesma universidade, ofertada sempre no 4º (quarto) período intitulada “Fundamentos da Didática da Língua Portuguesa”. O curso em questão era ofertado no período noturno e possuía carga horária de 72 horas. Na ocasião, o componente a ser discutido foi o Letramento Literário, com vistas.

Através dos textos indicados previamente pela professora, os discentes se apresentaram nas aulas destinadas à tal discussão, com a leitura destes textos indicados já realizada e, quando passou-se para a discussão acerca dos sentidos produzidos pelas leituras, diversas experiências começaram a serem relatadas. Tais experiências demonstraram que a temática abordada pelos textos é atual e acabou por ser identificada no relato de diversos alunos durante a conversa com a professora. Diversas ações, criticadas pelos teóricos do Letramento Literário foram apontadas no processo de

escolarização, produzindo um maior entendimento do tema.

Neste sentido, optamos aqui, por tratar do Letramento Literário como uma vertente teórica, compreendida através dos relatos dos alunos. Inicialmente, realizamos uma breve explicação do conceito, tal como ele é compreendido no campo. Logo após, demonstramos o que as produções tem evidenciado, para, com base na teoria e estudos já realizados, apresentar os relatos que derivaram da aula, propriamente.

O que seria o Letramento Literário?

O Letramento Literário, perspectiva da qual trataremos neste estudo, diz respeito à capacidade que pode ou não apresentar aqueles leitores que se dispõem a ler textos deste gênero. Assumindo que os gêneros aos quais os textos se dirigem e são construídos são diversos, não basta apenas que o leitor destes gêneros saiba decodificar as informações presentes nos textos lidos. É necessário, para além disto, que o leitor realmente dê ao texto o tom e a compreensão que ele realmente requer.

Amparada por Soares (2005), Macedo (2017) defende a não possibilidade de se ler um texto literário, da mesma forma que se lê uma notícia de jornal, um editorial, ou a entrevista de um político, ou mesmo uma crônica. Desta forma, acredita-se que o processo que faz com que o leitor adquira essa dita capacidade na leitura, interpretação e, consequente fruição de tais textos seja assim denominada como Letramento Literário.

Neste sentido, essa mesma autora explica que, apesar do esforço na demonstração de diversos gêneros textuais que a escola oferece, apenas o conhecimento acerca da diversidade não torna os alunos capazes de realizarem suas leituras conforme as especificidades de cada gênero. Neste sentido, demonstrar as funções de cada gênero, promovendo a produção de sentidos e a socialização acerca do que se lê se demonstra como uma forma mais frutífera que apenas demonstrar as possibilidades existentes.

Desta forma, conforme Macedo (2017) assume-se também, que a leitura e interpretação de textos literários é algo puramente particular, pessoal. Sendo assim, perpassa por aspectos culturais e sociais sendo, contudo, influenciada tanto pelas características individuais daqueles que leem, quanto pelas crenças e formas de trabalho do processo de escolarização. Porém, conforme Zilberman (2008), a escolarização da literatura acaba por oferecer prejuízos.

É comum encontrarmos relatos que evidenciam como insuficientes as tentativas de escolarização da literatura, uma vez que elas tendem a desconsiderar os saberes dos alunos, seus gostos, impressões, e, não raro, acabam por negar o acesso aos textos produzindo um ensino deveras focado naquilo que o professor necessita ensinar em decorrência das determinações curriculares. Desta forma, inclui-se neste estudo, relatos e impressões de alunos de um curso de graduação em Pedagogia de uma universidade pública. Estes alunos, perante aos ensinamentos de uma professora sobre Letramento Literário, realizaram a leitura prévia de dois textos por ela indicados e, a partir destas leituras, puseram-se a discutir em sala suas impressões acerca da teoria, resultando em relatos de suas próprias experiencias.

Neste cenário, em contraposição ao que os estudiosos do Letramento Literário defendem, Evangelista (2001) proporciona uma série de denúncias acerca da “pedagoziação da literatura”, ou seja, o tratamento institucional da literatura pelas escolas. Tais ações, desenvolvidas neste contexto, parecem não condizer com os objetivos primeiros dos textos literários, já que, conforme a própria autora aponta, o livro é visto como uma mercadoria que é encomendada e negociada, indo, não raro, direto das editoras para as escolas.

Assim, é necessário que se oportunizem estudos que prezem pelo tratamento devido da literatura na escola. A esse respeito, alguns autores como Macedo (2017), Zilberman (2008), Evangelista (2001) e Paulino (2001; 2005), visam evidenciar uma série de atitudes que acabam por viabilizar que esse contato entre os alunos e a literatura se dê de uma forma mais legítima. Teixeira (2014) demonstra que o trabalho com textos literários em sala de aula deve ir além da simplificação, gramatização ou da produção de respostas óbvias sobre as narrativas literárias.

O que dizem as pesquisas?

Paulino (2001) evidencia como o acesso a livros literários é negado à moradores da periferia na cidade de Belo Horizonte ao evidenciar a falta de interesse das editoras e também de revendedores a trabalharem nos bairros periféricos da cidade, centralizando o acesso por meio de barreiras geográficas. Além deste impasse, os jovens das camadas periféricas também enfrentam outras barreiras como o custo dos livros impressos e o não entendimento dos textos escritos, o que gera, segundo a autora, um “quadro sociocultural de exclusão”, também considerados como “impedimento geográfico-econômico do letramento literário”. Demonstrando assim, um impasse à democratização da leitura.

A autora evidenciou que, por meio de sua pesquisa, em prol da venda de livros no bairro Caiçara em Belo Horizonte MG, a maioria dos pequenos estabelecimentos inquiridos demonstrou o interesse pela venda dos mesmos, porém, quando perguntadas, as editoras demonstraram comercializar obras apenas em maior escala, o que inviabiliza a venda através de pequenos estabelecimentos e, consequentemente, o acesso à populações da periferia da cidade, concluindo que: “Hoje o pequeno comércio encolheu, pois o livre mercado neoliberal não é tão livre assim, beneficiando os grandes empresários”. (PAULINO, 2001, p. 123)

Paulino (2005) fala do cuidado que deve ser dispensado ao tratamento de textos literários no processo de escolarização. Segundo ela, a leitura de tais textos deve corresponder aos objetivos do próprio texto e não se fazer uma leitura puramente comunicacional, aferindo do texto informações suficientes para a resolução de tal ou qual questionamento do professor, “lidos como textos informativos, [em que] cada resposta sobre textos literários corresponderia à verdade dos

fatos, textualizados para serem detectados e memorizados" (PAULINO, 2005, p. 58). Neste sentido, a autora defende que a falta de consideração da literatura, por meio de suas funções sociais, tomando a literatura por ela mesma, talvez tenha sido um dos obstáculos para a democratização desta.

Zilberman (2008) discute sobre o tratamento da literatura, em face de sua escolarização, demonstrando que entre os anos 70 e 80, as preocupações acerca de como a literatura poderia ser trabalhada nas escolas se intensificaram, através das reformas que se iniciaram após o Golpe de 1964. Desta forma, os livros e textos literários, viriam como um aporte para tentar sanar dificuldades dos alunos, com relação às deficiências apresentadas por eles com relação a práticas de leitura e escrita. Porém, como se acreditava, a literatura não seria, por si só, uma via única de resolução destes problemas. Em face das mudanças trazidas após a Constituição Federal de 1988, Leis de Cotas, e, mais recentemente, o fortalecimento do neoliberalismo em decorrência da globalização, a iniciativa privada, acaba por tomar para si o financiamento da cultura em várias vertentes sociais, marginalizando, ou até excluindo, iniciativas de cunho popular.

Apesar deste cenário, a autora ressalta que os estudos culturais, desenvolvidos por muitas universidades do país, visam o reconhecimento e a valorização de diversas culturas e manifestações sociais. Porém, ainda não se vê tal reconhecimento sendo promovido no ambiente escolar, o que acaba por promover a demasiada responsabilização do professor pelo insucesso dos alunos neste quesito, a fim de evidenciar que eles [os professores] ainda não se adequaram às novas necessidades, não sabendo ainda se adequar às diversas mudanças em nosso cenário. Inicialmente, a preocupação em se escolarizar apenas a elite, deixava claro o objetivo das instituições de ensino ao se trabalhar com textos canônicos e o ensino da língua padrão, porém, conforme questiona a autora, em face de uma escola em expansão, qual tipo de leitura se tenciona formar? É correto prezar pela formação de leitores ávidos à interpretação de textos puramente informativos, ou devemos nos preocupar igualmente com a formação para a leitura e apreciação de textos literários? É possível o estímulo simultâneo ou devemos optar por apenas um deles? A leitura literária teria perdido o status alcançado entre as décadas de 70 e 80?

Teixeira (2014) demonstrou que a leitura de textos literários pode abarcar qualquer nível de ensino ao investigar as práticas de Letramento Literário ocorridas na educação de jovens e adultos (EJA) em duas turmas de uma instituição de ensino federal no Rio de Janeiro. Considerando a importância das experiências pessoais dos alunos e da produção de sentidos acerca do que seria trabalhado em aula, a autora mediou uma série de atividades, a fim de esclarece-los acerca da riqueza da literatura brasileira, através de conteúdos cobrados pelo currículo, em ações hibridas de valorização das impressões produzidas. Um exemplo foi o trabalho realizado, prezando-se trabalhar os conceitos pertinentes ao realismo, partindo da análise do livro "O Alienista" de Machado de Assis, comparando-o com diversas versões produzidas a partir deste conto.

Também foi apresentado um documentário aos alunos, levando-se em consideração a importância deste autor. Outro exemplo foram as paródias criadas pelos alunos de "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, a fim de abordar questões contemporâneas de nossa sociedade. a partir desta prática, foi demonstrada uma das paródias que tinha como título "Canção do Presídio", abordando a violência e corrupção do Brasil. Desta forma, a autora demonstra a função de mediação que os professores devem assumir no contexto da escolarização promovendo o auto entendimento dos alunos através da proposta de abordagens que realmente os contemple e sejam condizentes com suas aspirações pessoais.

Os exemplos relatados visam demonstrar que, diferentemente do que podem pensar algumas correntes, o Letramento Literário pode ser exercitado de uma maneira satisfatória no processo de escolarização que, é quando a maioria dos estudantes terão acesso a esse tipo de textos. Ocorre que, longe de ser uma prática elitizada, o contato com textos literários promove trocas identitárias e culturais e pode constituir em experiências engrandecedoras para aqueles de deles se aproximam, já que: "Longe de afastar o leitor da realidade, o texto literário amplia o seu conhecimento de mundo." (TEIXEIRA, 2014, p.75).

O que dizem os relatos?

Em favor da apresentação desta perspectiva aos alunos a docente informa sobre a importância do professor se estabelecer como uma figura de mediação entre os textos e os alunos por meio de uma leitura problematizada. Os relatos se deram na medida em que a professora iniciou suas explanações e, basicamente evidenciam as seguintes situações:

1. Atividades sem contextualização.
2. Falta de estímulo ao tratamento do texto literário por meio da linguagem literária.
3. Falta de estímulo aos professores para se tornarem bons leitores de textos literários.
4. Práticas conteudistas que visam a preparação em prol de bons resultados nas "provas".
5. Desconsideração das identidades dos alunos em meio ao tratamento da literatura de uma forma homogeneizada.
6. Seleção de livros sem maiores critérios.
7. Limitação do repertório linguístico e literário dos alunos.
8. Biblioteca vista como um local proibido ou de difícil acesso.
9. Impossibilidade de escolha pelos alunos aos livros que os interessem mais.
10. Pouco ou nenhum estímulo a fruição no trabalho com livros ou mesmo textos literários.

Ao identificarem dificuldades como a falta de acesso à biblioteca ou impossibilidade na decisão de qual livro ler, eles acabam por realizar um retrato de como o ensino por meio da literatura foi e ainda é tratado em nosso país. Para alguns, a relação com a literatura acabou por ser prejudicada, em decorrência da forma como a escola apresentou poemas, como o relato que esboça desinteresse, em face da obrigação imposta pela escola: "se a leitura passa a ser obrigação também, ela [a criança ou jovem] não vai se interessar". Outra aluna diz: "a literatura fica dependente do que está no

currículo" e outro completa: "a experiência que eu tive na escola, mais me afastou da literatura do que aproximou, depois que eu fui descobrir o quanto era bom".

De acordo com Evangelista (2001), professores e alunos são seres inacabados e quando se pensa em uma forma de escolarização da literatura que seja mais indicada, é de suma importância que se leve em consideração o estímulo à autonomia dos sujeitos, independentemente do perfil. Para Paulino: "a mediação escolar autoritária, por sua vez, impede o desenvolvimento de um repertorio de leituras personalizado, que se poderia estender pela vida adulta". (PAULINO, 2001, p. 122)

Outro ponto levantado pelos alunos foi o fato de não se ter acesso propriamente aos livros literários para a escolarização com a literatura. Alguns relatos evidenciaram a presença de textos oferecidos em cópias xérox, sem maiores informações quanto a autoria ou contexto de produção. Para Paulino, não se pode privar os alunos do acesso aos livros literários, já que: "não é mais possível pensar a obra literária desvinculada do objeto "livro" e de sua circulação social [...]" (PAULINO, 2001, p. 119).

Quanto a isso, a professora mostra aos alunos que é possível que importante que a alfabetização se dê por meio de livros de literatura, apesar de alguns professores ainda trabalharem com textos fotocopiados, indissociados do contexto do livro e isso não é a mesma coisa de se trabalhar diretamente com os livros, efetivamente.

Uma aluna diz que: "o contato das crianças com o livro pode ser feito mesmo antes de aprenderem a ler". A professora explica que essa concepção nas escolas de não ter acesso aos livros, se dá porque a escola presume que a criança não sabe ler ainda e, por isso, não destina livros para que o interesse pela leitura se inicie. "Uma criança, no meu estágio contou para mim e para a professora uma história só por imagens", disse outra aluna. Segundo a professora, isso está correto, já que a aluna pode estabelecer relações entre a história e as imagens mesmo sem ter sido alfabetizada ainda.

Finalmente, a necessidade de tratamento do texto literário como um texto literário foi demonstrada. "A leitura de textos apresenta-se como prática inusitada, e a literatura, em boa parte das escolas nacionais, como um alienígena, sobretudo nas que atendem os segmentos populares, mesmo em grandes centros urbanos" (Zilberman, 2008, p. 15). Uma aluna fala da importância de se fazer essa distinção entre a forma de leitura de cada texto a ser apresentado aos alunos: "priorizar o trabalho com o texto, com a linguagem literária, e não informativa". Para a professora, o texto literário é um texto extremamente aberto à diversas interpretações, diferentemente de outros gêneros textuais.

Considerações finais

O assunto em tela encejaria diversos outros debates que, um espaço limitado não é capaz de compreender. Por meio da categorização dos relatos, pôde ser apresentada uma tipificação dos testemunhos evidenciados pelos alunos, na concordância com os argumentos dos estudiosos lidos previamente. O tratamento eficiênte do texto literário deve ser um tema basilar na formação de professores, principalmente na formação continuada. O texto literário é um dos primeiros contatos dos indivíduos com a leitura em face da alfabetização e compreende-lo de acordo com o que o gênero requer acaba por facilitar esse processo de aprendizagem.

O que se percebe é uma preocupação em demasiado com as exigências curriculares e avaliações que irão evidenciar os rendimentos dos alunos, sem, contudo, a consideração de suas individualidades e expectativas. "Em geral, no entanto, a escola trabalha a leitura literária desvinculada da realidade e das necessidades dos alunos. Na prática, privilegiam-se as abordagens teóricas sobre a literatura". (TEIXEIRA, 2014, p.77). A consideração das necessidades e das identidades dos alunos se monstram pilares importantes no estímulo do Letramento Literário dos alunos.

Referências

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. Algumas reflexões sobre a relação literatura/escola. 24ª Reunião Anual da ANPEd, 2001.

MACEDO, Maria do Socorro A N. Alfabetização, leitura e letramento literário. Questões sobre os processos de escolarização. In: MACEDO, Maria do Socorro A. N. & GONTIJO, Cláudia M. M (orgs). Políticas e práticas de alfabetização. Recife: UFPE, 2017.

PAULINO, Graça. Letramento Literário: por vielas e alamedas. Revista da FACED, n. 5, p. 117-125. 2001.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In PAIVA, Aparecida et. al. (Orgs.). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TEIXEIRA, Cláudia de Souza. Letramento Literário na Educação de Jovens e Adultos. Interdisciplinar. Itabaiana/SE Ano IX, v. 21, 2014, p. 73-84.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, São Paulo, n. 14, p. 11-22, 2008.